

RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPRESENTAÇÕES PARA ALÉM DOS LIVROS DIDÁTICOS E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DAS CRIANÇAS

RACISM IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: REPRESENTATIONS BEYOND TEXTBOOKS AND THEIR IMPACTS ON CHILDREN'S IDENTITY CONSTRUCTION

RACISMO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: REPRESENTACIONES MÁS ALLÁ DE LOS LIBROS DE TEXTO Y SUS IMPACTOS EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD INFANTIL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-212>

Data de submissão: 19/08/2025

Data de publicação: 19/09/2025

Mariana Ciscato Mello Cavalcante

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura
Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: marianacbpmello@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3603233282441496>

Debora da Silva Cardoso

Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, Arte e História da Cultura
Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: debora.sil@mackenzie.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6439191287210999>

RESUMO

Este artigo aborda a presença do racismo na sociedade e sua influência na formação de identidade das crianças, particularmente na Educação Infantil. O estudo ressalta que o racismo é um fenômeno estrutural que impacta várias esferas da vida, incluindo a educação. Os autores destacam que ambientes escolares e materiais didáticos muitas vezes perpetuam representações negativas e estereotipadas da população negra, afetando a construção da autoimagem e da identidade das crianças. Eles enfatizam a importância de reexaminar o conteúdo desses materiais e espaços, além de capacitar educadores para reconhecer e combater o racismo nas escolas. A inclusão de representações positivas e a promoção de um discurso inclusivo são mencionadas como estratégias para desconstruir estereótipos e fortalecer a autoestima das crianças negras. A pesquisa seguiu uma abordagem teórica, com análise bibliográfica e fichamento dos materiais didáticos utilizados na Educação Infantil pelo sistema Mackenzie de Ensino e o Caderno do Professor, utilizado pelas escolas do Governo do Estado de São Paulo. Além disso, a pesquisa conta com um estudo de campo na EMEI Gabriel Prestes, de São Paulo, visando analisar os espaços e atividades realizadas. O objetivo foi identificar as representações raciais presentes nesses materiais e ambientes e compreender seu impacto na construção da identidade das crianças. Os resultados obtidos demonstraram a presença de estereótipos e a necessidade de adotar abordagens antirracistas, contribuindo para uma educação mais igualitária. Constatou-se também que representações positivas contribuem para a desconstrução de estereótipos. Compreendeu-se ser essencial um monitoramento contínuo e reflexão crítica para ampliar a diversidade racial.

Palavras-chave: Racismo. Educação Infantil. Livros Didáticos.

ABSTRACT

This article addresses the presence of racism in society and its influence on the formation of children's identity, particularly in Early Childhood Education. The study highlights that racism is a structural phenomenon that impacts various aspects of life, including education. The authors emphasize that school environments and educational materials often perpetuate negative and stereotypical representations of the Black population, affecting the construction of children's self-image and identity. They stress the importance of reevaluating the content of these materials and spaces, as well as empowering educators to recognize and combat racism in schools. The inclusion of positive representations and the promotion of an inclusive discourse are mentioned as strategies to deconstruct stereotypes and strengthen the self-esteem of Black children. The research followed a theoretical approach, involving a bibliographic analysis and the cataloging of educational materials used in Early Childhood Education by the Mackenzie Educational System and the Teacher's Notebook, used by schools in the State of São Paulo. Additionally, the research included a field study at EMEI Gabriel Prestes in São Paulo to analyze the spaces and activities conducted. The goal was to identify racial representations present in these materials and environments and understand their impact on children's identity construction. The results obtained demonstrated the presence of stereotypes and the need to adopt anti-racist approaches, contributing to a more equitable education. It was also noted that positive representations contribute to the deconstruction of stereotypes. Continuous monitoring and critical reflection were understood to be essential for increasing racial diversity.

Keywords: Racism. Early Childhood Education. Textbooks.

RESUMEN

Este artículo aborda la presencia del racismo en la sociedad y su influencia en la formación de la identidad infantil, especialmente en la Educación Infantil. El estudio destaca que el racismo es un fenómeno estructural que impacta diversas esferas de la vida, incluida la educación. Los autores destacan que los entornos escolares y los materiales didácticos a menudo perpetúan representaciones negativas y estereotipadas de la población negra, lo que afecta la construcción de la autoimagen y la identidad de los niños. Destacan la importancia de reexaminar el contenido de estos materiales y espacios, así como de capacitar a los educadores para reconocer y combatir el racismo en las escuelas. La inclusión de representaciones positivas y la promoción de un discurso inclusivo se mencionan como estrategias para deconstruir estereotipos y fortalecer la autoestima de los niños negros. La investigación siguió un enfoque teórico, con un análisis bibliográfico y una revisión de los materiales didácticos utilizados en la Educación Infantil por el sistema de Educación Mackenzie y el Cuaderno del Profesor, utilizado por las escuelas del Gobierno del Estado de São Paulo. Además, la investigación incluye un estudio de campo en la EMEI Gabriel Prestes, en São Paulo, con el objetivo de analizar los espacios y las actividades realizadas. El objetivo fue identificar las representaciones raciales presentes en estos materiales y entornos y comprender su impacto en la construcción de la identidad infantil. Los resultados demostraron la presencia de estereotipos y la necesidad de adoptar enfoques antirracistas, contribuyendo así a una educación más igualitaria. También se observó que las representaciones positivas contribuyen a la deconstrucción de estereotipos. El seguimiento continuo y la reflexión crítica se consideraron esenciales para aumentar la diversidad racial.

Palabras clave: Racismo. Educación Infantil. Libros de Texto.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o conceito de raça é algo controverso e sua origem ainda mais discutível. No entanto, desde o século XIX, o racismo é algo constantemente presente na sociedade, isto porque cientistas e médicos deste período, movidos pelo movimento positivista, teceram modelos explicativos para a diversidade humana, como a ideia de que características biológicas e condições ambientais fossem capazes de justificar diferenças intelectuais, morais e psicológicas entre as diferentes raças. Em consequência disso, como ilustra ALMEIDA (2018) “a pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos *imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem pouca *inteligência*.”

Já no século XX, a Antropologia demonstrou que não existe na realidade natural o conceito de raça e garantiu a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar culturas, religiões ou a própria moral.

A cor da pele, além do formato do crânio, nariz, lábios e do queixo eram aspectos observados e elencados como características que separavam uma raça da outra. Porém, com o avanço da ciência e os estudos de genética, concluiu-se que havia semelhanças na constituição dos genes de todos os seres humanos. (SÃO PAULO/SME, 2022. p.26)

Portanto, com fundamentação em pesquisas e conclusões de geneticistas, Kabengele Munanga (2013) afirma que entre os *Homo Sapiens*, não existe espaço para a existência de raças distintas, uma vez que não se identificam diferenças biológicas substanciais que justifiquem a categorização com base em raças.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi reforçado o fato de que a raça é um elemento essencialmente político, englobando não só comportamentos individuais, mas afetando também o funcionamento de instituições da sociedade, conferindo desvantagens ou privilégios com base na raça. ALMEIDA, 2018, enfatiza:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

No Brasil e em outros países da América do Sul, este aspecto está ligado aos colonizadores e colonizados. Aníbal Quijano (2005) explica que a questão racial foi uma ferramenta para separar grupos, criar hierarquias, relações de poder e definição de papéis sociais.

Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 2005, p. 117)

Diante de tais evidências, fica claro que o racismo é um fenômeno que foi construído a partir de ideologias, preconceitos e estereótipos, que foram transmitidos entre gerações e se tornando tão estrutural que muitas vezes chega a ser inconsciente e não intencional. Evidentemente, a questão racial também envolve escolas e instituições de ensino, uma vez que estes são reflexos da sociedade em que estão inseridos, inclusive, as que atendem crianças pequenas da Educação Infantil de 0 a 5 anos. Por isso, é fundamental que educadores e gestores escolares repensem suas estratégias de ensino, metodologias e currículo, trabalhando para não só evitar casos de racismo na escola, mas também combaterativamente o preconceito estrutural que envolve toda a sociedade — começando pela educação infantil e pelas crianças pequenas.

Almeida (2018) explica que o racismo é parte da ordem social e, por isso, situações corriqueiras de preconceito são facilmente reproduzidas e não questionadas por indivíduos, criando assim uma estrutura que opõe cidadãos pela sua raça. Sendo assim:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2018, p. 50)

Dados levantados pela organização Todos Pela Educação, mostram que a população negra possui menores oportunidades e acessos educacionais em comparação com a população branca. A começar pelos primeiros anos de vida: três em cada 10 bebês declarados pretos ou pardos frequentavam creches em 2018, o que representa 32% — o percentual de crianças brancas é de 39%.

A evidente falta de acesso escolar é uma grande consequência do racismo estrutural, uma vez que envolve a organização familiar das crianças que também são vítimas deste sistema. É um verdadeiro ciclo vicioso pois, desde cedo, as oportunidades da população negra são reduzidas.

Além de toda essa dificuldade estrutural, há ainda um fator importante: a representatividade — ou falta dela — em sala de aula e o discurso racista que alcança crianças de todas as idades. Isto é, mesmo passando por cima de adversidades, frequentando a escola e tendo disponibilidade para estudar, as crianças negras enfrentam algo muito mais profundo: uma representação racista de seus iguais nos ambientes escolares, livros didáticos e paradidáticos.

O objetivo desta pesquisa é analisar mais profundamente a questão racial nos ambientes, currículos e salas de aulas, além dos livros didáticos utilizados por educadores na educação infantil,

especificamente, obras utilizadas para a faixa etária de 5 anos, e identificar as representações da população negra.

Especificamente, investigar como as representações existentes são feitas nas publicações e ambientes, se a representação da população negra é adequada e precisa, ou se há estereótipos, preconceitos e discriminações presentes nos livros didáticos, por exemplo. Uma vez que já foi provado, através de um estudo, realizado em 2023 e coordenado pelo Hospital Mc Lean, em Massachusetts (EUA), que o racismo estrutural pode causar alterações físicas no cérebro das crianças. Sabe-se que a Educação Infantil é um momento crucial no desenvolvimento das crianças, portanto a maneira como os livros didáticos representam a diversidade é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, este artigo visa explorar sobre novas formas de tratar as questões de diversidade com as crianças pequenas e analisar autores e obras que exercem a função social de adotar um discurso inclusivo, respeitoso e amplo acerca de minorias, especialmente da população negra.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Como citado anteriormente, a questão racial está presente logo nos primeiros anos de vida de uma criança, seja no ambiente familiar e, não raro, dentro da escola, onde há a presença de outros sujeitos e materiais que ilustram a sociedade em que estão inseridos. Segundo Melo (2019), a construção da identidade da criança é decorrente de suas interações sociais, iniciadas no âmbito familiar e continuada no meio escolar:

A inserção da criança nos espaços de Educação Infantil se faz um universo social diferente do da família, favorecendo novas interações e ampliando, desta maneira, seus conhecimentos a respeito de si e dos outros. (MELO, 2019, p.1)

Portanto, é neste momento, que a criança negra passa a se enxergar e perceber as diferenças que a envolvem no decorrer da vida. Mas, segundo Cavalleiro (2000) os estudos sobre questões étnicas na Educação Infantil do Brasil são pouco explorados pois,

Geralmente, as pessoas tratam, preferencialmente, do ensino a partir do 1º grau. Talvez isso se deva às dificuldades que se tem em obter informações com crianças muito pequenas. Mesmo assim, as pesquisas realizadas apontam para a existência da problemática étnica na educação infantil. (Cavalleiro, 2000. p.36)

Os livros didáticos e infantis têm um papel relevante neste aspecto, uma vez que estão presentes em praticamente todas as escolas brasileiras. Acerca disso, Silva (1995) destaca:

Não é apenas o livro o transmissor de estereótipos. Contudo é ele que, pelo seu caráter de “verdadeiro”, pela importância que lhe é atribuída, pela exigência social de seu uso, de forma constante e sistemática logra introjetar na mente das crianças, jovens e adultos, visões distorcidas e cristalizadas da realidade humana e social. A identificação da criança com as mensagens dos textos concorre para a dissociação da sua identidade individual e social. (SILVA, 1995, pág.47)

A população negra, especificamente, é retratada em tais livros de forma inferiorizada, caricata, repleta de estereótipos e estigmas. Isto afeta, segundo Silva (1989), a imagem representativa que a criança negra constrói de si mesma e da sua identidade, reproduzindo ideologias sobre inferioridade e superioridade envolvendo a própria raça.

Ainda, é essencial considerar o conceito de colorismo, que aborda não somente a percepção da condição negra como inferiorizada em relação ao branco, mas também oferece uma perspectiva para libertar essa condição do contexto racista (Devulsky, 2021, p. 12). O colorismo, ao favorecer tons de pele mais claros em detrimento dos mais escuros, pode influenciar a maneira como a diversidade é retratada nas ilustrações, resultando em hierarquias baseadas em tonalidades de pele.

Compreender o impacto do colorismo nas representações é crucial para promover uma abordagem educacional inclusiva e consciente, desafiando preconceitos enraizados e contribuindo para uma sociedade mais equitativa. Neste sentido, Cavalleiro (2001) destaca que o sistema de educação formal é “desprovido de elementos propícios à identificação positiva de alunos negros com o sistema escolar.” Ainda é preciso que a instituição escolar, por meio dos professores, combata o racismo e seus impactos no cotidiano de alunos, que pode acontecer através de interações entre colegas, ambiente escolar, conteúdo curricular e livros didáticos e paradidáticos.

Isso porque, Cavalleiro (2000) também aponta que há uma interferência nas falas das crianças relacionada à estereótipos e preconceitos em relação aos personagens negros.

Dessa forma, se destaca a relevância dessa pesquisa que pretende analisar o racismo implícito e explícito que persiste nos ambientes escolares e materiais utilizados por educadores a partir da Educação Infantil.

2.1 O IMPACTO DO RACISMO NAS ESCOLAS DO BRASIL

Os dados obtidos pela instituição Todos Pela Educação revelam disparidades significativas no acesso à educação entre a população negra e a população branca. Isso começa desde a primeira infância, onde em 2018, apenas três em cada 10 bebês declarados como pretos ou pardos frequentavam creches, representando 32% do total, em comparação com uma taxa de 39% entre as crianças brancas. A discrepância se amplia no Ensino Médio, onde aproximadamente 58% dos jovens declarados como

pretos concluem essa etapa educacional até os 19 anos, em contraste com uma taxa de 75% entre os jovens brancos.

Essa clara desigualdade de acesso à educação é uma consequência direta do racismo estrutural, que afeta não apenas as oportunidades educacionais, mas também a dinâmica das famílias envolvidas, que também são vítimas desse sistema. Essa situação cria um ciclo vicioso, uma vez que limita as oportunidades da população negra desde os primeiros anos de vida.

“Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercambio. [...] Um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa as tardes em aulas de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto.” (RIBEIRO, 2019. p.17)

Quando o assunto é desempenho escolar, a disparidade é ainda maior — de acordo com uma pesquisa realizada com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental pelo Inep, em 2017, cerca de 41% das crianças declaradas pretas tiveram uma aprendizagem adequada em Língua Portuguesa. Os alunos brancos, nas mesmas condições, contabilizavam 70%.

Diversos fatores podem ser considerados para explicar, ou pelo menos criar hipóteses para explicar esses números. Os principais fatores estão ligados às condições de vida em que os alunos vivem, ou seja, seu contexto social, econômico e familiar. Segundo um estudo publicado no Jornal Americano de Psiquiatria, em 2023, as crianças negras enfrentam mais eventos traumáticos, conflitos familiares e dificuldades materiais do que as crianças brancas. Além disso, os pais ou cuidadores de crianças negras tendem a ter menor nível educacional, menor renda e mais desemprego em comparação com aqueles que cuidam de crianças brancas.

A maior exposição a essas adversidades foi associada a menores volumes de matéria cinzenta na amígdala e em várias sub-regiões do PFC. Consequentemente, as crianças negras apresentaram menores volumes de matéria cinzenta na amígdala, no hipocampo e em várias sub-regiões do PFC em comparação com as crianças brancas. (DUMORNAY, LEBOIS, RESSLER e HARNETT, 2023)

Conforme o mesmo estudo, tais adversidades significam que as crianças negras estão mais propensas a desenvolver o estresse tóxico, que contribui para alteração física em partes do cérebro que estão ligadas a depressão e ansiedade, por exemplo.

A adversidade no início da vida pode ter consequências negativas duradouras na saúde mental na idade adulta. Vários estudos encontraram associações positivas entre adversidades na infância [...] e prevalência de resultados psicossociais e comportamentais ruins mais tarde na vida, incluindo transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, uso problemático de drogas e álcool, baixa satisfação com a vida, tentativas e ideação de suicídio e perpetração de violência. (DUMORNAY, LEBOIS, RESSLER e HARNETT, 2023)

No entanto, além de toda essa dificuldade estrutural, social e emocional, há ainda um fator importante: a representatividade — ou falta dela — em sala de aula e o discurso racista que alcança crianças de todas as idades. Isto é, passando por cima de todas as adversidades citadas acima, frequentando a escola e tendo disponibilidade para estudar, as crianças negras enfrentam algo muito mais profundo: uma representação racista de seus iguais nos livros didáticos e paradidáticos. Acerca disso, SILVA (2005) reforça que os livros didáticos apresentam uma sociedade e vida cotidiana simplificada e superficial, especialmente para a população negra que muitas vezes é representada por caricaturas ou características estereotipadas.

A criança negra era ilustrada e descrita através de estereótipos inferiorizantes e excluída do processo de comunicação, uma vez que o autor se dirigia apenas ao público majoritário nele representado, constituído por crianças brancas e de classe média. (SILVA, 2005. p. 23)

Mesmo que atualmente educadores estejam problematizando imagens e narrativas presentes nos livros de História, Língua Portuguesa e outras disciplinas, ainda é muito presente um discurso pejorativo e depreciativo para com a população negra, associando-a, por exemplo, à pobreza, à sujeira e a sentimentos de inferioridade e agressividade. É preciso que professores e professoras tragam para a sala de aula mais exemplos que representem homens e mulheres pretos e pardos fugindo de estereótipos e discursos rasos sobre esta raça — e isto deve ser feito inicialmente na Educação Infantil, onde os alunos ainda estão desenvolvendo suas ideias e pensamentos.

Pois as crianças dessa faixa etária ainda são desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor. E tornam-se vítimas indefesas dos preconceitos e estereótipos transmitidos pelos mediadores sociais, dentre os quais o professor. (Cavalleiro, 2000. p. 38)

Segundo o documento Educação Antirracista, do Currículo da Cidade de São Paulo, o conceito de "lugar de fala" é frequentemente interpretado como algo que limita o envolvimento de alguns indivíduos nas discussões e ações relacionadas à luta contra o racismo. No entanto, Djamila Ribeiro argumenta que todos possuem um "lugar de fala" e que a compreensão das hierarquias ligadas especialmente à raça, pode nos levar a reconhecer que emitimos opiniões a partir de perspectivas diversas.

Ou seja, quando se menciona o termo "lugar de fala," não implica que apenas pessoas negras têm a legitimidade e a responsabilidade de abordar questões relacionadas ao combate ao racismo. Em vez disso, esse conceito nos convida a refletir sobre as repercussões sociais do racismo na vida da comunidade negra, ressaltando que a origem de nossas vozes influencia o teor de nossos discursos.

"Ao trazer o conceito de "lugar de fala", objetivamos convocar professores(as), gestores(as), auxiliares técnicos(as) de educação e demais profissionais que atuam nas UEs à reflexão de que somos todos(as) responsáveis pela promoção de vivências antirracistas. Todos(as) temos lugar de fala." (SÃO PAULO/SME, 2022. p. 41)

2.2 A EVOLUÇÃO DO DISCURSO ANTIRRACISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E AMBIENTES ESCOLARES

O livro didático ainda é uma das fontes mais utilizadas em sala de aula por professores e, no caso da Educação Infantil, o ambiente escolar e os livros paradidáticos são uma ferramenta presente na rotina das crianças. Neste sentido, é preciso atentar às representações e discursos adotados, uma vez que podem ser fatores decisivos na construção de identidade dos alunos.

Ainda, segundo SILVA (2005), é papel do professor ter uma visão crítica sobre os conteúdos utilizados, uma vez que

o professor pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão. (SILVA, 2005. Pág. 24)

Ou seja, a pauta racial deve ser um elemento central na formação de professores críticos e reflexivos, além de ser tema constante de discussões entre educadores e profissionais das escolas. Nesse sentido, a Lei nº 10.639/2003, que modifica a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996, estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os componentes curriculares e níveis de escolarização. Como exemplo desse compromisso, no município de São Paulo o documento Orientações Pedagógicas: Povos Afro-Brasileiros foi criado para reforçar

o compromisso da Cidade de São Paulo com uma educação de qualidade e antirracista, realizamos a escrita destas Orientações Pedagógicas, que têm como objetivo central subsidiar práticas de todas as educadoras e educadores da Rede Municipal de Ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. (SÃO PAULO/SME, 2022. p. 19)

É preciso garantir que, além de propor mudanças na forma de retratar a população negra nos livros, os professores sejam capazes de identificar uma representação racista e imediatamente refutar

tais afirmações para as crianças, de forma que elas percebam também seus próprios discursos e ideologias.

Acerca disto, Lima (2005) explica que a literatura não transmite sua mensagem somente através do texto escrito, mas faz uso de imagens ilustrativas e, neste conjunto, constroem enredos e percepções em quem está consumindo a obra (LIMA, 2005). Ela analisa por exemplo, a personagem Nastácia, de Monteiro Lobato, e suas representações ao longo dos anos.

Imagen 1 - Personagem Nastácia, de Monteiro Lobato, em sua primeira versão, em 1920, reproduzem características grotescas e estereótipos ligados à pobreza e sujeira



Diversos desenhos e reproduções da personagem desde sua primeira versão, em 1920, reproduzem características grotescas e estereótipos ligados à pobreza e sujeira. Uma versão de 1934 “apresenta uma Nastácia assustadora, meio monstrengue, ridicularizando-a, enfim, gruda-se na imagem uma série de características sutis como a falta de limpeza, burrice, relaxos, desajeitos que são transferidos ao modelo de toda uma população.” (LIMA, 2005, p.112)

Em contrapartida, vêm existindo certo movimento por parte de alguns educadores e artistas que visam reformular tais exemplos e transformar materiais com discursos racistas em conteúdos inclusivos. SILVA (2005) explica:

atividades que evidenciam a cor negra associada a algo positivo, como ébano, ônix, jabuticaba, café, petróleo, azeviche, etc, concorrem para justapor à representação negativa de outra positiva. (SILVA, 2005. Pág. 27)

Neste contexto, a obra "Amoras", que transforma a música do rapper Emicida em um livro infantil, destaca a importância de representações positivas e inclusivas na literatura e na cultura visual para crianças. A narrativa da música e do livro gira em torno de um diálogo entre o artista e sua filha, onde a pequena Estela, ao identificar-se com as amoras mais pretas, constrói uma autoimagem positiva e reconhece a beleza em sua própria identidade racial.

Imagen 2 – Personagem Estela, construindo uma autoimagem positiva e reconhecendo a própria beleza.



Essa narrativa exemplifica como a construção de referências positivas na vida da criança, promove um desenvolvimento saudável e autoconfiante. Além disso, a história faz alusões à religião e à resistência afro, citando figuras como Zumbi, Martin Luther King, Malcom X e entidades da mitologia yorubá, reforçando a importância de se orgulharmos das raízes culturais desde a infância.

Lima (2005) também cita um exemplo de ressignificação da cantiga popular “boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta”, que foi substituída por “o boi da cara preta tem uma cara bonita, não é uma careta, o boi da cara preta é irmão do boi da cara branca, do boi da cara malhada”. Apesar de parecer um pequeno passo frente aos enormes abismos sociais da sociedade, mostra-se uma predisposição dos educadores, pais e artistas para realizarem seu papel social e transformarem o ambiente escolar e familiar em um local seguro e confortável para todas as crianças.

2.3 NOVAS PERSPECTIVAS DE DIVERSIDADE

Atualmente, discussões sobre raça vêm ganhando espaço em todas as áreas da sociedade, e na educação não é diferente. Para cumprir seu papel social – que é desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos – a escola precisa considerar todos os aspectos que envolvem as próprias crianças (COSTA, 2012).

O aluno é parte da escola, é sujeito que aprende, que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida, assim sendo a escola lida com pessoas, valores, tradições, crenças, opções e precisa estar preparada para enfrentar tudo isso. (COSTA, 2012. Pág. 08)

As instituições de ensino e, especialmente, educadores, estão trabalhando para transformar discursos e ideologias preconceituosas e estereotipadas sobre a população negra. Cada vez mais é possível encontrar livros com protagonistas afrodescendentes que têm como conteúdo principal a construção da identidade, representação e discussões sobre o que significa ser negro na sociedade atual.

Neste sentido, o livro *Com que penteado eu vou?*, de Kiusam de Oliveira, faz um trabalho fundamental de trazer protagonismo ao cabelo crespo, suas particularidades e belezas, garantindo que crianças com essa característica se vejam representadas de forma positiva. Outra obra que aborda o tema de um jeito ainda mais aprofundado, é *O cabelo de Lelê*, que traz a história e herança africana em uma linguagem infantil. Costa (2012), exemplifica a desconstrução de estereótipos relacionados ao cabelo crespo em uma poesia escrita por Barbosa:

Crespo cabelo trançado com a mais pura graça (...)
Apenas poesia e imaginação dos desenhos transborda
Criando os mais belos caminhos na carapinha
Sedutoramente tecida na raça das tranças.

Ao combater representações racistas e negativas seja no material didático ou nas relações sociais, os professores contribuem para a construção de uma imagem positiva acerca da identidade de alunos negros. Ao trabalhar com obras que tenham narrativas inclusivas e que adotem discursos antirracistas, tanto crianças brancas como negras, passam a desmistificar a relação superior/inferior relacionada à raça.

Há também o livro *Neguinha, Sim!* de Renato Gama, que além de reforçar positivamente características do cabelo black power, enaltece as características físicas da personagem, associando-as com aspectos positivos e a conectando com sua ancestralidade.

Imagen 3 – Livro *Neguinha, Sim!* reconhece a ancestralidade em suas características físicas.



3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada, inicialmente, através de um estudo teórico sobre o tema envolvendo autores, pesquisadores e educadores que se dedicam à uma educação antirracista e os impactos que esta pauta tem na vida das crianças. Para fundamentar o referencial teórico, a análise foi feita através de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que esta tem o objetivo de levantar e analisar a questão racial, tão complexa, subjetiva e profunda, presente nos livros didáticos, é preciso consultar os materiais

publicados para obter mais clareza no objetivo. Segundo Souza, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é

o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita de uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (Souza, Oliveira e Alves, 2021)

A pesquisa bibliográfica envolve o material didático utilizado pelo sistema Mackenzie de Ensino para a Educação Infantil e o Caderno do Professor utilizado pelo Governo do Estado de São Paulo na Educação Infantil.

Para coleta dos dados, foi utilizado o modelo de fichamento, a fim de organizar as informações levantadas, já que, segundo Souza, Oliveira e Alves (2021), as fichas

são utensílios importantes no processo da ordenação das informações no desenvolvimento da pesquisa e tem como objetivo a identificação das obras consultadas, do conteúdo e ordenação das informações

Além disso, também foi realizada uma pesquisa de campo, na EMEI Gabriel Prestes, localizada no centro de São Paulo. O propósito da visita foi analisar o ambiente escolar, atividades realizadas, propostas pedagógicas e a própria realidade das crianças.

Para esta etapa do estudo, foram considerados os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, que tem como objetivo

desenvolver um processo de autoavaliação institucional participativa que leve a um diagnóstico coletivo sobre a qualidade da educação promovida em cada Unidade, de forma a obter melhorias no trabalho educativo desenvolvido com as crianças. (SÃO PAULO, 2016. p. 7)

Especificamente, a Dimensão 5 do documento trata sobre Relações étnico-raciais e de gênero, provocando as instituições de ensino e educadoras a assumirem um compromisso de pensarem práticas pedagógicas, utilização de materiais, brinquedos e livros, e a construção de ambientes que combatam qualquer tipo de preconceito ou discriminação racial.

Vários estudos demonstram que as crianças percebem as diferenças, sejam elas raciais e/ou de gênero, ainda muito pequenas, porém a interpretação que fazem dessas diferenças, ou seja, se entendem como positivas ou negativas irá depender das informações que recebem dentro e fora do ambiente educacional e das relações que se estabelecem entre bebês, crianças e os adultos. (SÃO PAULO, 2016. p. 45)

Portanto, os objetos de pesquisas foram textos, atividades, ambientes, personagens e imagens presentes nos livros – ou a ausência dessas representações – e como a população negra é retratada para as crianças pequenas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 LIVRO DIDÁTICO PRINCÍPIO DO SABER

As primeiras imagens analisadas neste estudo, consistem em ilustrações e fotografias presentes no livro didático Princípio do Saber – 5 anos, com 275 páginas, utilizado no 2º semestre pelo sistema Mackenzie de Ensino na Educação Infantil. É importante destacar que todas as imagens do livro foram analisadas e fichadas, conforme o processo metodológico descrito anteriormente.

Neste momento, destacaremos algumas ilustrações em que a representação racial é ausente, e analisaremos as imagens que possuem algum tipo de representatividade dentro do livro didático.

Imagen 4 – página 12. Princípio do Saber 2º semestre – 5 anos



A primeira imagem do livro mostra um grupo de pessoas brancas dentro de um carro, passeando pelo que parece ser um safari, com vários animais em volta. A ilustração se encontra na página 12 e as crianças negras não são inseridas neste cenário, assim como as outras imagens que se seguem até chegarmos na página 45.

Imagen 5 – página 45. Princípio do Saber 2º semestre – 5 anos.



A segunda imagem analisada neste estudo é uma ilustração retratando um ônibus escolar em excursão para uma floresta. Dentro do ônibus é possível ver o motorista e três alunos – dentro deste grupo, apenas uma aluna é negra.

Já ao lado, fora do veículo, há a imagem de uma aluna negra ao lado de um adulto e uma outra criança – ambos brancos. Importante destacar que a imagem da menina segue uma identidade respeitosa da criança negra. Ela é retratada com o cabelo trançado e uma expressão doce no rosto – uma observação sobre inclusão: a aluna em questão é cadeirante.

Seguindo pelo livro didático nos deparamos com mais uma imagem importante na página 52.

Imagen 6 – página 52. Princípio do Saber 2º semestre – 5 anos



Aqui, vemos uma turma com a professora e cinco alunos – e pela primeira vez no livro, há dois negros na mesma imagem – dentre eles, a mesma aluna da imagem anterior.

Ambos estão retratados em posição de destaque e conseguimos observar tanto suas expressões como suas características. A menina já apresentada continua com expressões suaves e felizes, além de permanecer com as tranças (que parecem ser uma característica de sua identidade). Já o garoto, sentado na outra extremidade da roda, possui a representação de um cabelo crespo e mantém a expressão neutra, assim como todos os colegas ao lado.

O cabelo desempenha um papel fundamental na construção da identidade da criança negra, pois representa um aspecto intrínseco de sua herança cultural e é uma expressão poderosa de sua individualidade. A maneira como o cabelo é estilizado, cuidado e valorizado por uma criança negra pode afetar sua autoestima, autoimagem e percepção de si mesma. Segundo Oliveira e Araujo (2019)

A normatização da sociedade leva a padrões de beleza que negam a cultura do cabelo crespo, negam a estética corporal da criança negra, incluindo a influência negativa da mídia, contribuindo para a não aceitação do cabelo crespo pela criança já desde pequena. (Oliveira e Araujo, 2019)

Durante anos, o cabelo negro foi marginalizado e considerado inadequado em relação aos padrões eurocêntricos de beleza. Essa pressão social pode impactar profundamente a autoestima das crianças negras, levando-as a internalizar uma visão negativa de si mesmas e de seu cabelo.

Diante desse contexto, é essencial promover a valorização e aceitação do cabelo natural das crianças negras – o que é feito de forma positiva no conteúdo didático analisado.

As imagens que se seguem, possuem pouca ou nenhuma representação de pessoas negras. Quando estão presentes, são um desses dois personagens descritos acima no meio do restante da turma.

Partindo para a página 144, há um ponto interessante: há 4 fotos de diferentes famílias (antigas e modernas) que são base para uma atividade proposta. Nenhuma das imagens contém membros negros que formam os núcleos familiares.

Imagen 7 – página 144. Princípio do Saber 2º semestre – 5 anos



A representação familiar nos livros didáticos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, especialmente no caso das crianças negras. Ao apresentar diferentes modelos de famílias que refletem a diversidade étnica e racial da sociedade, os livros didáticos têm o poder de promover a inclusão, a identificação e a valorização das crianças negras, fortalecendo sua autoestima e construindo uma imagem positiva de si mesmas. De acordo com Silva e Santos (2019),

a representação da família étnico-racialmente diversa nos materiais didáticos é essencial para que as crianças negras se vejam como protagonistas de suas histórias, reconhecendo-se nas personagens e valorizando sua identidade racial (Silva e Santos, 2019)

A falta de representatividade pode levar as crianças negras a se sentirem invisíveis e marginalizadas, além de reforçar estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Ao apresentar modelos de famílias que refletem a diversidade étnico-racial, os livros didáticos contribuem para a inclusão e para a construção de uma imagem positiva das crianças negras, fortalecendo sua autoestima e sua identidade cultural. Conforme destacado por Oliveira (2020)

a representação familiar negra nos livros didáticos proporciona uma maior identificação, empoderamento e valorização da criança negra, permitindo-lhe ver-se como parte integrante da sociedade e protagonista de sua própria história. (Oliveira, 2020)

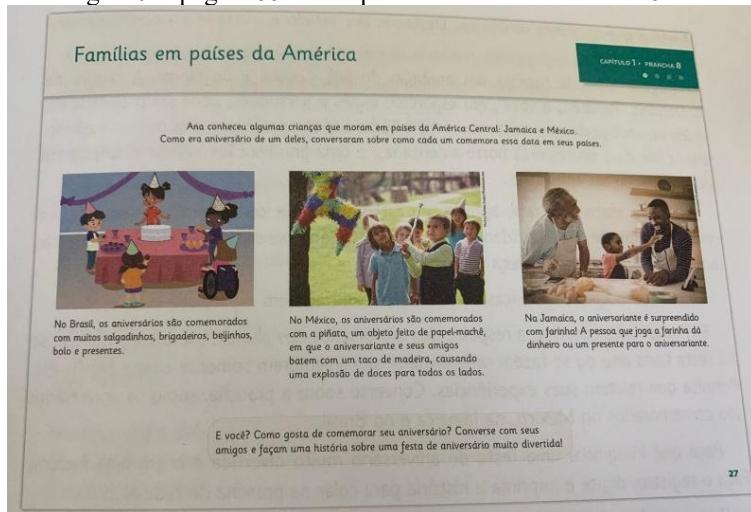
Essa representação inclusiva ajuda a romper estereótipos e a desafiar preconceitos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária. Uma análise mais aprofundada do livro didático Princípio do Saber – 5 anos, utilizado no primeiro semestre da Educação Infantil no Sistema Mackenzie de Ensino, revela a presença de personagens negros em papéis de destaque, retratando famílias negras em diferentes contextos e configurações.

Imagen 8 – página 39. Princípio do Saber 1º semestre – 5 anos



Na imagem acima há a representação de uma família de pessoas negras, todas com as características raciais respeitadas. Apesar de a imagem estar presente em uma unidade de ensino do livro focada em países da África, há um cuidado em manter a representações das pessoas brancas e não limitar a questão racial à um ou outro país, por exemplo. Este ponto de atenção pode ser observado na imagem da página 55, em que outras famílias de pessoas negras são representadas por ilustrações ou fotografias, mas desta vez tratando-se de países da América.

Imagen 9 – página 55. Princípio do Saber 1º semestre – 5 anos



Tanto a ilustração animada como a fotografia mostram pessoas negras representadas de forma positiva, com expressões suaves, soridentes e amorosas. A representação positiva de pessoas negras nos livros didáticos da educação infantil é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, a presença de personagens negros em papéis de destaque e com histórias que refletem suas vivências, contribui para o combate ao racismo e a desconstrução de estereótipos prejudiciais à população negra.

Por outro lado, a representação hostil e violenta de pessoas negras tem um impacto profundamente prejudicial na construção da identidade das crianças. Conforme abordado por Munanga (2018), a representação negativa da população negra está enraizada em estereótipos raciais ao longo da história, que associam a população negra a características negativas, como violência, ignorância e inferioridade. Essas representações reforçam uma visão preconceituosa e discriminatória, levando crianças negras a internalizarem essas ideias negativas sobre si mesmas, afetando sua autoestima e limitando suas possibilidades de desenvolvimento.

4.2 LIVRO DIDÁTICO – CADERNO DO PROFESSOR

O segundo objeto de pesquisa deste estudo, foi o livro didático do Governo do Estado de São Paulo, chamado de Caderno do Professor. Especificamente o Volume 1 para Crianças Pequenas, com 271 páginas. Assim como o primeiro livro analisado, as imagens deste objeto de pesquisa também foram fichadas, como descrito no processo metodológico descrito anteriormente.

Portanto, analisaremos aqui algumas ilustrações que contém representatividade racial, e destacaremos as imagens onde esta representação não ocorre.

É importante destacar que o livro em questão é para uso exclusivo dos educadores, não sendo destinado ao uso direto das crianças, uma vez que as escolas públicas de São Paulo não utilizam livros didáticos para esta faixa etária. No entanto, a análise deste material é igualmente importante para que se possa perceber a questão da representatividade no contexto dos "bastidores" educacionais, onde os educadores se preparam para ministrar suas aulas. Outro ponto de relevância a ser observado em relação a este segundo livro examinado é que suas ilustrações são caracterizadas por uma estética mais lúdica e colorida, as quais não necessariamente aderem a uma representação fidedigna da realidade.

Imagen 10 – página 09. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

UNIDADE 1

ACOLHIMENTO E SUAS SINGULARIDADES



Como em todo processo de aprendizagem, os primeiros dias na escola e os demais requerem dos educadores um planejamento intencional e cuidadoso de acolhimento, que demonstre respeito às singularidades das crianças, bem como apoio para as novas descobertas nos espaços da escola.

Esta unidade contém cinco propostas que podem ser aplicadas da forma que o professor escolher. O professor tem autonomia de, ao observar a turma e as singularidades dela, selecionar qual proposta pode ser realizada. Entretanto, é recomendável que as propostas sejam aplicadas em conjunto, uma vez que, por meio da ampliação e da diversificação de materiais, temas e narrativas, as crianças podem aprofundar as experiências, os objetivos de aprendizagem e o desenvolvimento propostos por esta unidade no decorrer do processo, de acordo com a organização curricular da faixa etária.



Na primeira imagem do Caderno do Professor, nota-se presença de duas crianças brancas se divertindo com uma caixa de brinquedos. Não há qualquer presença de pessoas negras nesta página e em nenhuma outra até chegarmos na unidade 3.

Imagen 11 – página 41. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

UNIDADE 3

LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



As crianças têm muito o que aprender em relação ao universo da linguagem escrita. A qualidade do vínculo que estabelecem com esse universo colabora com o grau de interesse que cresce quando elas vivenciam situações prazerosas de leitura de histórias, com mediadores que valorizem cada uma dessas ações. Ao ouvir diferentes histórias (lidas ou contadas), as crianças aprendem a ter comportamentos leitores e a escutar. Imaginam, ampliam seu vocabulário e suas referências culturais, estruturam suas narrativas e aprendem a apreciar a estética das palavras. Lidas ou contadas, as histórias devem sempre passar pelo imaginário, pela vivência e pela relação positiva com o mundo letrado.



Na segunda imagem presente no livro, nos deparamos com a primeira ilustração contendo uma pessoa negra. No caso, representada pela professora, que conta uma história para dois alunos brancos. Como dito anteriormente, a estrutura das ilustrações neste livro é mais voltada ao lúdico, portanto, as características raciais não são totalmente presentes em nenhum caso. Dito isso, o cabelo da professora, por exemplo, não é encaracolado e ela não possui outros traços característicos. No entanto, este detalhe é levemente modificado na terceira imagem analisada.

Imagen 12 – página 73. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

UNIDADE 5

TEXTOS POÉTICOS



O universo sonoro fascina as crianças, que estão sempre interessadas em rimas, na descoberta de novas palavras, nas sonoridades que lhes parecem estranhas, nas palavras compridas ou curtas, nos ritmos e cadências dos textos. Este encantamento é uma das chaves para que o processo de letramento das crianças seja rico e para que elas se interessem por adentrar cada vez mais no mundo das palavras. Nesta unidade, vamos conhecer diferentes propostas que vincularão as crianças a este universo, além de torná-lo acessível a elas.



Nesta imagem podemos observar que as características estão mais fiéis e outra personagem é retratada pela figura de uma professora negra. Ainda assim, os alunos permanecem brancos e são os mesmos personagens da imagem anterior.

Imagen 13 – página 150. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

UNIDADE 10

JOGOS NA ÁREA EXTERNA

Envolvidas em contextos lúdicos, as crianças experimentam diversas situações desafiadoras que as impulsionam a explorar movimentos corporais com diferentes complexidades, buscar alternativas, cooperar e usar uma gama de conhecimentos de naturezas diversas.



CURRÍCULO PAULISTA

Na imagem acima, nota-se a presença de quatro pessoas em um jogo. Ao primeiro momento, é possível identificar que pelo menos 3 delas são brancas, já que estão projetadas de frente ou de lado. Depois, olhando mais atentamente, notamos que a quarta pessoa da ilustração é uma mulher negra. Esta constatação só é possível observando com cuidado para os braços da personagem, que são a única coisa aparente no desenho – já que ela está de roupas longas e chapéu.

Imagen 14 – página 182. Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas

UNIDADE 12

COMPARTILHANDO DESCOBERTAS

As tecnologias digitais disponibilizam uma série de recursos que promovem e acionam aprendizagens de diferentes naturezas. Ao produzirem um material audiovisual sobre suas descobertas, para que outras pessoas possam aprender com elas sobre a sustentabilidade do planeta, as crianças se deparam com questões ligadas às características desse recurso midiático. Assim, aprendem tanto sobre a ferramenta como sobre a situação comunicativa em si.



No início da Unidade 12, vemos um grande destaque para uma personagem negra que não havia aparecido anteriormente no livro. Sua caracterização é bem positiva, suas expressões são leves e felizes e os elementos característicos estão presentes na ilustração.

UNIDADE 16

EXPERIMENTOS COM REGISTRO



As crianças são curiosas por natureza, por isso estão sempre perguntando por que as coisas são como são. Assim, aprendem sobre o mundo por meio de um movimento permanente de indagar e compreender progressivamente os fenômenos. À medida que usam diversas formas de registro, descobrem, também, diferentes possibilidades de expressar descobertas.

A última ilustração analisada neste objeto de pesquisa, é uma imagem que destaca uma criança negra se divertindo e brincando com vários elementos. Suas características são respeitadas e sua expressão remete à sentimentos ligados à infância, como alegria e movimento ao se deparar com brinquedos.

Portanto, ao finalizar a análise sobre a representação de pessoas pretas nos livros didáticos Princípio do Saber – 5 anos, do Sistema Mackenzie de Ensino, e do Caderno do Professor – Volume 1: Crianças Pequenas do Governo do Estado de São Paulo, é possível constatar um balanço positivo em relação às imagens analisadas e presentes nas obras. A inclusão de personagens negros e suas vivências familiares e sociais demonstram um esforço para promover a diversidade étnico-racial e valorizar a identidade das crianças pretas.

4.3 EMEI GABRIEL PRESTES

O último objeto de pesquisa estudado foi a EMEI Gabriel Prestes, localizada no centro da Cidade de São Paulo. A escola, fundada em maio de 1953, foi idealizada pelo então Chefe do Departamento de Cultura de São Paulo, o poeta Mario de Andrade.

Desde então, atua na Educação Infantil e atende crianças de 20 nacionalidades diferentes, incluindo angolanas, peruanas, francesas, senegalesas e bolivianas. Segundo Marilene Sales de Melo, coordenadora pedagógica da EMEI desde 2020, a escola recebe alunos dos mais diversos perfis: famílias em situação de vulnerabilidade até moradores da região que se identificam com a proposta do currículo.

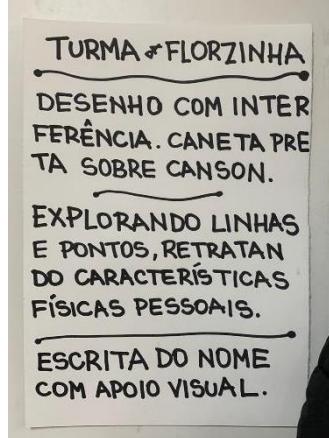
Neste aspecto, a EMEI realiza uma proposta pedagógica marcada pelas construções coletivas, uso do espaço interno e externo da escola, diálogo e escuta. Isso se dá por meio de uma participação

ISSN: 2358-2472

ativa dos pais e da comunidade, além de formações específicas para as professoras, como a de Educação Antirracista.

Assim, a escola possui algumas atividades que contribuem para o reconhecimento e construção da identidade das crianças presentes ali, dentre elas, a produção de autorretratos feitos pelas crianças, explorando suas próprias características físicas e retratando-as em desenhos.

Imagen 16 – Atividade de Autorretrato realizada na EMEI Gabriel Prestes /SP



Este tipo de atividade contribui para que a criança pequena não só perceba os traços que se assemelham ou diferem uma das outras, como valorizem e apreciem seus próprios aspectos individuais. É possível notar, através dos desenhos, que o cabelo liso, crespo, cacheado, claro ou escuro é um dos principais elementos aproveitado pelas crianças, além de outras características mais sutis, como a largura das bocas e narizes, sobrancelhas e, no caso dos desenhos coloridos, da cor da pele.

Imagen 17 – Autorretratos feitos pelos alunos da EMEI Gabriel Prestes / SP



Outro projeto desenvolvido pela escola, é voltado para a inclusão de representações e referências negras e afro-brasileiras no contexto das crianças. O Projeto Bonecas, possui vários elementos, cores e características que remetem à cultura afro e são um reforço positivo das características físicas das pessoas negras.

Segundo Marilene Melo, a escola dispõe de algumas bonecas de pano fornecidas pela prefeitura. A ideia é que as turmas se revezem, levando a boneca para casa e cuidando dela por alguns dias. Posteriormente, cada criança é encorajada a registrar suas experiências, o que vivenciaram e aprenderam durante esse período.

A coordenadora também compartilha algumas histórias curiosas relacionadas ao projeto, como o dia em que uma aluna levou a boneca para se vacinar e esta, de forma inusitada, também recebeu um cartão de vacina atualizado. Houve também o caso de uma família que teve seu carro roubado com a boneca dentro, e infelizmente a boneca foi perdida definitivamente.

No entanto, é importante destacar que foi por meio desse projeto que a escola enfrentou um dos casos mais significativos de racismo. Em um ano específico, uma família se recusou a participar do projeto e formalmente solicitou à Secretaria da Educação de São Paulo que a EMEI suspendesse o projeto. Após conversas com a família, segundo Marilene ficou evidente que a questão estava relacionada à representatividade racial, uma vez que a maioria das bonecas era negra ou estava caracterizada com trajes da cultura afro. A Secretaria, por fim, negou o pedido de suspensão do projeto, que prosseguiu, mas a família optou por retirar a criança da escola.

Imagen 18 – Bonecas utilizadas no projeto da EMEI Gabriel Prestes / SP



Dentro da proposta da escola, o ambiente e espaço físico que os alunos estão inseridos é de extrema importância para o seu desenvolvimento, neste sentido, a escola conta com um amplo terreno, dividido entre salas de aula, biblioteca, quadra, parquinhos e espaços comunitários. Ao caminhar pela EMEI, é possível observar que as representações raciais estão presentes nos detalhes sutis, como livros de fácil acesso às crianças remetendo à cultura de matriz africana, e ilustrações, pregadas à parede na altura das crianças, caracterizando um cabelo *black power* com flores, até um enorme grafite pintado nos portões da escola, feito pelo pai de um aluno.

Imagen 19 – Elementos representativos nos ambientes da EMEI Gabriel Prestes / SP



A presença dessas representações positivas no ambiente escolar, contribui para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, fortalecendo a identificação positiva das crianças com suas características pessoais. Ao se deparar com personagens negros em papéis de destaque, com histórias que refletem suas experiências, ou com belas ilustrações em espaços comunitários, as crianças pretas encontram espelhos que lhes possibilitam se enxergar como protagonistas de suas próprias narrativas.

Entretanto, é importante ressaltar que a análise de representações é um processo contínuo e que ainda há desafios a serem enfrentados. É necessário que haja um monitoramento constante das obras e uma ampliação da diversidade de perspectivas presentes nos livros didáticos, além de ambientes mais inclusivos e preparados para que as crianças negras tenham acesso a uma variedade de representações que refletem a multiplicidade de suas vivências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao concluir este estudo, que combina uma análise da presença do racismo na sociedade e sua influência no desenvolvimento das crianças com uma avaliação das representações raciais nos livros didáticos, torna-se evidente a importância crucial de abordar de maneira consciente e inclusiva a construção da identidade étnico-racial durante os primeiros anos de vida.

Apesar das iniciativas positivas de inclusão e representação, persistem imagens que excluem ou minimizam a presença de crianças negras, demonstrando a necessidade de um exame mais

profundo. As implicações dessas representações ultrapassam o âmbito educacional, influenciando a formação de identidades e a autoestima das crianças, conforme destacado por diversas pesquisas. Portanto, desfazer estereótipos e promover uma educação inclusiva e justa exige não apenas uma análise contínua dos materiais, mas também uma ênfase vigorosa na valorização da diversidade étnico-racial.

Além disso, é crucial destacar a representação de crianças nos ambientes escolares. A pesquisa revelou que, muitas vezes, as representações raciais inadequadas nos livros didáticos refletem-se também nos relacionamentos e interações no contexto escolar, contribuindo para um ambiente que pode perpetuar preconceitos e discriminação. Portanto, a ênfase na representação positiva de crianças negras não deve se limitar apenas aos materiais didáticos, mas também se estender à construção de ambientes escolares que promovam a igualdade, respeito e compreensão.

Ao priorizar a representação positiva de indivíduos negros, oferecendo-lhes papéis proeminentes e narrativas enriquecedoras, a Educação Infantil pode desempenhar um papel significativo no combate ao racismo e na formação de uma sociedade mais equitativa.

A importância deste estudo na área da educação reside em sua contribuição para o contínuo debate sobre raça nas escolas. Ao dissecar a presença e os efeitos do racismo e das representações raciais, esta pesquisa lança luz sobre o impacto profundo que os materiais educacionais podem exercer sobre mentes jovens. Através de suas descobertas, destaca-se a urgência de criar um ambiente que fomente diversidade, compreensão e respeito desde a mais tenra idade.

Essas análises oferecem aos educadores percepções valiosas sobre o poder de seus materiais didáticos e sua capacidade de contribuir para a construção de percepções, identidades e atitudes. Consequentemente, munidos desse conhecimento, os educadores podem abordar suas funções com uma maior consciência da responsabilidade que possuem em nutrir atitudes inclusivas e desmantelar estereótipos prejudiciais.

Em sua essência, essa pesquisa desempenha o papel crucial de ser um agente transformador, atuando como catalisadora para mudanças substanciais no âmbito educacional. Ao lançar luz sobre as disparidades na representação racial e os efeitos prejudiciais do racismo nas experiências de aprendizado, ele instiga as instituições educacionais a uma profunda reflexão sobre suas práticas existentes.

O estudo aponta para a necessidade premente de superar as limitações das representações tradicionais e estereotipadas, visando construir um ambiente de aprendizado que celebre a diversidade e promova uma compreensão mais profunda e respeitosa entre os alunos.

A chamada à ação aqui é incentivar as instituições educacionais a não apenas reconhecer, mas também reavaliar e reformar suas abordagens ao conteúdo curricular. Essa reavaliação não se trata apenas de uma revisão superficial, mas sim de uma transformação estrutural que busca garantir que todos os alunos, independentemente de sua origem étnico-racial, sejam representados de maneira positiva e autêntica em seus materiais de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, SILVIO. Racismo Estrutural. 1 ed. São Paulo: Jandaíra, 2018. p. 25-50.
- BRITTO, D.S. Educação integral na Emei Gabriel Prestes (SP): uma escola que é pra dentro e pra fora. Cepec, 29/03/2023. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/educacao-integral-emei-gabriel-prestes>. Acesso em: 24/10/2023.
- CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto, 2000. p. 32-38
- CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e Antirracismo na educação: Repensando nossa escola. 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-159.
- COSTA, V. L. P. Função Social da Escola. Tocatins: DRE Araguaína, 2012. Disponível em: https://drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf. Acesso em: 27/03/22.
- DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2021. p 12.
- DUMORNAY, Nathalie M., LEBOIS, Lauren A.M., RESSLER, Kerry J., HARNETT, Nathaniel G. Racial Disparities in Adversity During Childhood and the False Appearance of Race-Related Differences in Brain Structure. American Journal of Psychiatry, [S.l.], v. 180, n. 8, p. 830-831, fev. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.21090961>. Acesso em: 01/03/2023.
- EMICIDA. Amoras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- GAMA, Renato. Neguinha, Sim! São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.
- LIMA, Heloísa Pires. Superando o Racismo na Escola. 2 ed. Brasília: Unesco, 2005. p. 101-116.
- MELO, K. E. D. S. A construção da identidade na Educação Infantil. São Paulo: Entretanto, 2019.
- MUNANGA, K. (2013). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.
- OLIVEIRA, Ednalva Rodrigues De et al.. O cabelo crespo e a representação social na educação infantil. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61248>>. Acesso em: 18/08/2023 09:04
- OLIVEIRA, J. F. (2020). "Identidade negra e representatividade: a importância da inclusão de personagens negros nos livros didáticos." Revista Interações: Cultura e Comunidade.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-122.
- RIBEIRO, D. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Antirracista. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em:

<https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Curriculo-da-Cidade-Ed.-Antirracista.pdf>

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal da Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana. São Paulo: SME/DOT, 2016. Disponível em: https://www.sinesp.org.br/images/9_-_INDICADORES_DE_QUALIDADE_NA_EDUCACAO_INFANTIL_PAULISTANA.pdf

SILVA, A.C. D. Superando o Racismo na Escola. 2 ed. Brasília: Unesco, 2005. p. 21-28

SILVA, A. C. D. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CED, 1995.

SILVA, D. C.; SANTOS, A. P. (2019). "A importância da representatividade familiar negra nos livros didáticos infantis." In: Anais do Seminário de Pesquisa do PROPIEDADE - IFPI (Vol. 9, No. 1).

SOUZA, A. S. D; OLIVEIRA, G. S. D; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: Princípios e Fundamentos. Cadernos da Fucamp, Uberlândia, v.20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Do início ao fim: população negra tem menos oportunidades educacionais. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>. Acesso em: 27/03/22.